

ENTRE A NEGAÇÃO E A CONSPIRAÇÃO: O ANTIFEMINISMO NO BRASIL NA DÉCADA DE 2020

BETWEEN DENIAL AND CONSPIRACY: ANTIFEMINISM IN BRAZIL IN THE 2020'S

Larissa Aparecida Ramos¹

Resumo: Este artigo apresenta um recorte dos resultados obtidos a partir da pesquisa de Iniciação Científica feita entre os anos de 2020 e 2021 intitulada “O antifeminismo como pauta política no Brasil Contemporâneo”. Ela teve por finalidade a análise de discursos quanto à temática antifeminista no Brasil, a qual, nos últimos anos, tornou-se amplamente divulgada em perfis de redes sociais como o *Instagram*, o *Facebook* e o *Youtube*, pela Deputada Estadual Ana Caroline Campagnolo (PL-SC) e também pela ativista pró-vida Sara Winter, expoentes do movimento no Brasil. Destaca-se aqui o tópico referente a importância da análise crítica sobre o uso da história e a consequência disso na contemporaneidade.

Palavras-chave: Antifeminismo; Feminismo; História; Brasil Contemporâneo.

Abstract: This article presents a section of the results obtained from the Scientific Initiation research done between the years 2020 and 2021 entitled "Antifeminism as a political agenda in Contemporary Brazil". It aimed to analyze the discourses regarding the anti-feminist theme in Brazil, which, in recent years, has become widely disseminated on social network profiles such as Instagram, Facebook and Youtube by the Federal Representative Ana

¹ Graduanda em História, desde 2019, pela Unisagrado (Campus Bauru-SP). Participante do projeto de Residência Pedagógica no ano de 2022. Realiza pesquisa intitulada “O antifeminismo como pauta política no Brasil contemporâneo” desde 2020, sob orientação da Prof.^a Dr. Lourdes Feitosa. Email para contato: lari.ap_amos@hotmail.com. Endereço para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8724915005023970>.

Caroline Campagnolo (PL-SC) and also by the pro-life activist Sara Winter, exponents of the movement in Brazil. We highlight here the topic regarding the importance of critical analysis of the use of history and the consequences of this in contemporary society.

Keywords: Antifeminism; Feminism; History; Contemporary Brazil.

O antifeminismo no cenário contemporâneo

Desde a eleição do candidato de direita radical Jair Messias Bolsonaro em 2019, o cenário político contemporâneo brasileiro presencia uma mudança ideológica significativa quando relacionado aos doze anos anteriores do governo do Partido dos Trabalhadores (PT), fazendo com que se reflita, que mesmo que haja progressos significativos quanto as minorias nesse passado recente, as estruturas do país, marcadas por uma origem colonial machista e patriarcal continuam fortes e se perpetuando na atualidade. Ademais, uma das maneiras de caracterizar esse novo governo refere-se a um dito conservadorismo nos costumes e sua filiação ideológica às ideias do influenciador digital, jornalista e astrólogo Olavo de Carvalho², que resultou na proliferação e em destaque significativo de diversos grupos de direita moderada e radical desde então.

Neste processo, há de se destacar, com notoriedade, a temática antifeminista como uma parte fundamental no plano de governo, visto que uma de suas principais representantes é a Deputada Estadual de Santa Catarina Ana Caroline Campagnolo, autora do livro *Feminismo: Perversão e Subversão* (2019) e também do Guia de Bolso Contra Mentiras

² Daí derivou-se a expressão *bolsolavista*, termo informal utilizado para designar a política de Jair Messias Bolsonaro aliada aos conselhos de Olavo de Carvalho.

Feministas (2021). Além de ser figura atuante nas redes sociais, Campagnolo também participa de círculos políticos próximos aos do Presidente, até mesmo fazendo parte, como ele, de documentários realizados pela produtora Brasil Paralelo (2016). Para ela, “[...] quando os conservadores dizem que as mulheres devem cumprir sua função no lar e na sociedade como esposas e mães, é considerando que essa é sim a vocação da maioria das mulheres que estão sendo ludibriadas [...] pelos coletivos feministas” (CAMPAGNOLO, 2019: 310).

No entanto, não é surpreendente que revisionismos como este sejam aceitos tão facilmente por determinadas camadas da sociedade brasileira e Rita Terezinha Schmidt, já em 2006, evidenciava as diversas críticas oriunda das elites ao politicamente correto defendido pelo feminismo, transfiguram-no como uma associação vinculada à cultura estrangeira, ao próprio desenvolvimento econômico e à sua organização social. Observa-se então, que o pensamento feminista estaria consolidado em um pensamento patriarcal e senhorial, satisfazendo sistematicamente o ideal de uma parte da classe dominante. Assim, segundo a autora,

É no horizonte dessa lógica histórica [...] que se pode compreender a força institucional do conceito de família patriarcal, uma forma de organização de poder, estruturada hierarquicamente, [...] que veio a se tornar modelo para as relações tanto na esfera privada quanto na pública. No centro desse modelo, descrito por Roberto Reis como três círculos

concêntricos, está “o senhor de terras (prevalência de uma ordem senhorial), que acumula papéis de pai (prevalência de uma ordem patriarcal) e de homem (prevalência de uma ordem masculina)” (SCHMIDT, 2006: 773).

No artigo intitulado *Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais*, Thaiane Oliveira (2020: 22) define as teorias da conspiração como narrativas irracionais, produzidas por grupos que se situam geralmente deslocados da vida política e social. Segundo a autora, “até causar impactos significativos na sociedade, as teorias da conspiração são tratadas como conhecimento estigmatizado (BARKUN, 2017 *apud* OLIVEIRA, 2020), sendo ignoradas por instituições das quais foram consolidadas em torno da produção da verdade” (OLIVEIRA, 2020: 22).

Dessa maneira, o questionamento de Matthew D’ancona, citado por Carlile Lanzieri Júnior (2020: 190), torna-se deveras relevante como contribuição nesta análise. Para ele, “[...] a questão é: como o ideal de veracidade ficou tão enfraquecido, tão estiolado, a ponto de concorrer de modo tão deficiente com o emocionalismo contemporâneo? O que aconteceu com a verdade?”. Segundo Lanzieri (2020: 191 e 192, grifo nosso),

A questão nova que está agora posta sobre as mesas de debates cercadas por historiadores e outros pesquisadores ligados às humanidades e áreas afins é como agir na labuta cotidiana com os que simplesmente ignoram o que dizem as fontes deixadas

pelo passado ou que o rejeitam ou o reinventam a partir de ideologias robustecidas por doses consideráveis de algo que a genialidade de Marc Bloch não foi capaz de prever: a pós-verdade e a autoverdade, duas genuínas expressões das incontáveis distopias do nosso tempo. E ambas igualmente conduziram o passado prático de Michael Oakeshott para muito além do que ele propôs e o transformaram em um passado desejável, previsível e agradável. [...] **Da esquerda à direita, o avanço de políticos e políticas tomados por uma verve religiosa, nacionalista, familista, sexista e anti-intelectual assusta e não apresenta indícios de que tão cedo irá recuar.**

Com relação ao feminismo, diversos são os críticos que remetem à história, mas sequer conhecem os métodos utilizados para sua análise ou conceitos básicos. Um exemplo disso se mostra presente na reação da historiadora Ana Caroline Campagnolo à crítica de uma Professora Universitária que se manifestou contrária à sua palestra na Universidade Filadélfia (UniFil)³, devido à falta de rigor científico em sua análise. Horas depois do ocorrido, Campagnolo postou um vídeo de quarenta e três minutos em seu perfil nas redes sociais intitulado “Feminismo no Mundo da Lua”⁴, porque a professora em questão se chamava Luana. Vale destacar representa o desenho que ironiza a professora em questão, contendo a seguinte frase “SELO PROFE LU DE RIGOR CIENTÍFICO”. Desta

³ LONDRINA, UniFil. LIVE com Ana Caroline Campagnolo | Feminismo Perversão e Subversão. Youtube. 27 de março de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RbhqYnJhb9A>. Acesso em: 29 abr. 2021.

⁴ CAMPAGNOLO, Deputada Ana Caroline. Feminismo no Mundo da Lua | Clube Campagnolo. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pIdTj6HpsMU>. Acesso em: 29 abr. 2021.

postagem, destaco um trecho de sua fala:

Mas isso não vem ao caso, porque olha só o que a professora Luana, professora universitária, que ensina os alunos, está nos dizendo: **que o conhecimento de história, de filosofia, e das “ciências humanas”, precisam passar por um rigor científico que saiu da cabeça dela, porque veja só: um dos livros de história mais conhecidos sobre a época do Nazismo é o Diário de Anne Frank. Você sabe que Anne Frank morreu quando ainda era uma adolescente. Eu pergunto: qual o rigor científico que Anne Frank tinha para escrever o Diário de Anne Frank?** Bom, se não tem rigor científico nenhum, de repente as associações de história, as instituições que representam os professores de história de todo o Brasil deveriam criar um selo de desconfiança acadêmica e carimbar livros como o da Anne Frank. [...] Mas não é só o dela que eu quero falar pra vocês, embora óbvio que uma criança como Anne Frank não tinha como ter autoridade e rigor científico, embora seu livro seja usado em absolutamente todo o mundo para fazer de Nazismo **(grifo nosso)**.



Figura 1: Vídeo disponibilizado no Youtube por Ana Caroline Campagnolo

Para complementar, a Deputada parece não conhecer o fato de que o livro de Anne Frank é uma fonte e não uma obra historiográfica, e por esse mesmo motivo é que o rigor científico não se aplica a ela, diferentemente da Ana Campagnolo, que é uma historiadora. Ademais, merece atenção a sua interpretação do conceito de “eurocentrismo”, que é primeiro deturpado, e após, defendido por ela. Em um vídeo realizado pelo canal Brasil Paralelo em 2020 denominado “CRIANÇAS BRASILEIRAS SÃO MENOS INTELIGENTES? | ANA CAROLINE CAMPAGNOLO”⁵, ela enfatiza,

Nos nossos cursos de letras a gente ouve muito essa expressão “Temos que combater o eurocentrismo”, a “teoria

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WBtHRlmRTD8>. Acesso em: 30 abr. 2021.

eurocêntrica”. **E o que quer dizer isso em termos práticos? É tirar do cânone dos textos gregos, os clássicos gregos, os clássicos da Idade Média.** “Temos que democratizar o currículo”. O que é democratizar o currículo? É facilitar o currículo. É baixar o nível do currículo. É pegar um livro de Machado de Assis e facilitar a leitura de Machado de Assis. Não precisa disso (grifo nosso).

Em relação à análise destas falácias, os criadores do canal de entretenimento e política Meteoro Brasil dissertam: “[...] há quem use o mesmo instrumento (etimologia) para assaltar as palavras, destituindo-as de sua riqueza histórica, seus conhecimentos, suas abstrações [...] e periculosidade aumenta quando ele encontra outras armas, como a comunicação pública” (METEORO BRASIL, 2019: 12). É isso que ocorre com o termo “eurocentrismo”, que longe de representar os clássicos da Idade Média ou da Grécia Antiga, é caracterizado por uma narrativa, como aponta Edward Said, eurocêntrica, branca e muitas vezes, partindo da visão do colonizador. Portanto, criticar o eurocentrismo não é abrir mão de estudar a Europa ou ler clássicos europeus e estadunidenses, mas sim entender temporalidades e abordagens a partir de seus próprios contextos e realidades, valorizando produções regionais.

Para além dos problemas citados, apresenta-se como seu difusor a História Pública, que como citada por Romulo Fernando Assis (2020: 25), pode ser definida como uma maneira do historiador engajar o público leigo para a compreensão de algumas questões básicas para o ensino da história de forma crítica, participativa e emancipatória. De fato, essa maneira de

facilitar o acesso ao conhecimento histórico não é um problema, pelo contrário, atualmente são vários os exemplos que tornam esse estudo mais abrangente. O problema existe – e isso não compromete a História Pública séria e engajada – quando alguém se utiliza do argumento de divulgação do conhecimento para criar e difundir negacionismos, mentiras e atacar grupos, especialmente minorias políticas. Sobre isso infere Assis:

O que, enfim, os negacionismos almejam não é a revisão, legítima, do conhecimento histórico, mas seu encerramento em categorias estanques supostamente ancoradas em uma verdade que não admite, por seu caráter absoluto, contestação alguma. Não é surpresa que negacionistas de todos os tipos transformem suas empreitadas intelectuais em verdadeiras cruzadas políticas, quase apocalípticas, porque, ao fim e ao cabo, é disso que se trata: de expulsar do horizonte político e intelectual quaisquer contestações, sempre associadas a conspirações e doutrinações diversas, às suas narrativas (Ávila, 2019 *apud* ASSIS 2020: 30).

Essas “reformulações” do passado com o objetivo de negar as conquistas realizadas pelas lutas de movimentos organizados de mulheres ao decorrer do tempo possui também a ideia de contra-atacar aquelas que não se adaptam ao ideal de valores disseminado como “ínatos” da mulher, com o intuito de destruir seu referencial ao torná-lo uma “perversão” para a ideologia presente em nossa sociedade e propagandeada pelo atual governo e demais alas reacionárias da política. Quanto a isso, a análise de *Pureza e*

*Perigo*⁶ de Mary Douglas se mostra mais do que presente, pois, segundo ela, a suposta “impureza” estabelecida é uma ofensa a um ideal social e eliminando-a, pode-se até mesmo contribuir para o meio.

Em uma entrevista ao Jornal Opção, para divulgar seu livro *Guerra Cultural e Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil pós-político*”, o professor João César de Castro Rocha destaca que o sistema bolsonarista é caracterizado por um conjunto de falsidades deslocadas da realidade, produzindo um sistema de crenças que não podem ser compreendidos de um ponto de vista racional.

Na mesma live de 23 de julho, Bolsonaro usou o método Paulo Freire para criticar a esquerda, ao dizer que culpado pelo fracasso da educação no Brasil seria o método Paulo Freire.

[..] É sempre um combate. Combate contra quem? É quando surge a estrutura de pensamento, na qual existe uma constante, por assim dizer, eterna, conspiração da esquerda, que não deseja mais tomar o poder pelas armas para impor a ditadura do proletariado. Agora, pelo contrário, a esquerda compreendeu que esta forma de tomar o poder não é tão eficaz quanto conquistas corações e mentes. Qual a resposta possível? Vencer uma eleição é muito pouco. É preciso destruir as instituições que foram aparelhadas pela esquerda, segundo a narrativa bolsonarista

⁶ DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. In: **Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu**. Lisboa, Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.º 39), s.d. (trad. por Sônia Pereira da Silva, 1966).

Outro aspecto que merece destaque é a reflexão de Sônia Meneses (2019) sobre negacionismos e histórias públicas reacionárias. Para ela, no século XXI se observa a emergência de uma nova produção historiográfica pautada na ampliação do uso de fontes, e, por outro, um descompasso com relação a conteúdos mais amplos para a população. E é neste vácuo hipotético que se apresenta o que ela chama de *historiografia midiática*, ou seja, toda a produção sobre o passado se ampara nos diversos meios de comunicação possíveis e que almejam grandes audiências (MENESES, 2019). Para ela, (2019: 2),

O aparente frescor das imagens vibrantes, a participação de youtubers famosos na apresentação de conteúdos que seriam fruto de “pesquisas históricas sérias”, ou a “descoberta” de novidades sobre o passado, em grande medida se configuram numa releitura de antigos paradigmas que sustentam a manutenção de processos excludentes, preconceitos e conclusões que utilizam de forma desonesta as informações extraídas de teses e dissertações, ou mesmo fontes históricas, selecionadas e recortadas para referendar argumentos cujo fim é a desqualificação política de vários sujeitos e enunciados científicos. Algumas delas, **inspiram estratégias discursivas quase milenaristas na medida em que estimulam uma cruzada assentada em polarizações do que seriam verdades e mentiras, partidos e sem partidos, o bem contra o mal. Por isso é uma história que se anuncia como uma escolha entre contrários numa dicotomia sectária que aniquila a complexidade do pensamento e a diversidade de ideias.** Não por acaso, exalta-se o politicamente incorreto contra o politicamente correto, a escola sem partido contra a escola doutrinadora ou, a história verdadeira contra a história

de esquerda.

Caracterizado o método de estrutura de discurso antifeminista, no próximo tópico se observará a maneira como ele é utilizado por Ana Campagnolo e Sara Winter (também atuante do movimento antifeminista e pró-vida⁷ no Brasil) para definir o movimento feminista e suas particularidades do ponto de vista destas.

O feminismo para as antifeministas: a perversão e a subversão da História

Em *As diferenças entre os sexos e a dominação simbólica*, Roger Chartier (1993) apresenta o que denomina como processo de lutas simbólicas e aponta para uma mudança fundamental ocorrida entre os séculos XVI e XVIII em relação à interiorização pelas mulheres das normas advindas dos discursos masculinos, especialmente a respeito dos arquétipos de santidade. Para ele, “Longe de afastar do “real” e de só indicar figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros.” (CHARTIER, 1993: 40).

⁷ São denominados pró-vida movimentos que se declaram em defesa da dignidade da vida humana, conhecidos principalmente por sua oposição à prática do aborto induzido.

Com isso, observa-se o primeiro aspecto que culminaria no que atualmente se observa como característica “feminina”, ou seja, a religiosidade conjunta à modéstia e à valorização de uma moral cristã-ocidental, singularidades adotadas frequentemente por Sara Winter e Ana Caroline Campagolo, tendo como ideário que essas “qualidades” não poderiam ser encontradas em feministas. Para Campagnolo, isso até poderia denominar o movimento feminista:

Como se vê, incontáveis escritores, pesquisadores e teóricos podem ser citados para confirmar esse fenômeno: um movimento político, ideológico, essencialmente anticristão, busca cooptar especialmente as mulheres para a consolidação de uma revolução sexual. **Esse movimento é o FEMINISMO: do mais moderado ao mais radical, do mais sutil ao mais aberrante, do liberal ao socialista.** (CAMPAGNOLO, 2019: 300, grifo nosso).

Outra análise do movimento feminista por parte de grupos reacionários foi feita por Olavo de Carvalho, o qual infere que a sua única conquista foi liberar os homens de não sustentar as mulheres, e elas, o direito de não trabalhar e de viver do sustento de seu cônjuge (CAMPAGNOLO, 2019). Em uma entrevista disponibilizada pelo *UOL* em 2019, quando questionada em relação à ameaça que o feminismo representava à ordem ocidental, ela afirma que a civilização ocidental é o melhor modelo de sociedade e, caso houvesse discórdia, era só comparar ao

padrão de vida indiano ou árabe, nos quais, segundo ela, o cristianismo não existia.

Para ela, esse movimento que abrange mulheres desde o século XV e XVI em solo inglês, como *O livro da cidade das mulheres*⁸, publicado por Christine de Pizan em 1405, até a atualidade, com o desenvolvimento de diversas vertentes de lutas pela igualdade de direito, e tantos outros, não seria mais que uma conspiração que visa à destruição da sociedade e dos valores ocidentais, bem como da moral judaico-cristã. Ademais, com relação à definição de uma civilização judaico-cristã, também defendida por membros e ex-membros do governo Bolsonaro, Lanzieri Jr (2019: 203), apresenta a ideia de que isso não passa de uma abstração e que seus defensores parecem não levar em consideração as pluralidades culturais que existem sobre ela. O autor também destaca que tal recurso do “nós contra eles”, utilizado por eles, é típico de governos que apelam para esse confronto para impor agendas, que são aceitas por populações quando elas se amedrontam pelo que ele denomina de “novo medo dos bárbaros” (2019: 203).

Como enfatiza Rosana Pinheiro Machado (2019: 144), os medos do feminismo, assim como do comunismo e da destruição do núcleo familiar, possuem uma ligação com os inimigos que já “ameaçavam” a sociedade brasileira em 1964 e que precisam ser destruídos para a continuidade de um modelo social utópico e construído pelas forças que estavam no poder. Dessa forma, pode-se definir que, para Campagnolo, o antifeminismo é a negação a

⁸ Cf. Pizan, Christine de. *La Cité des Dames*. Texte traduit et presente par Thérèse Moureau et. Eric Hicks. 4^a.ed. Paris: Stock, 2000.

este próprio projeto de feminismo criado e criticado por ela, tendo como bibliografia ora autores conservadores, ora até mesmo misóginos, como o já citado Otto Weiniger.

Tendo em vista a divulgação de seu curso e as recomendações que nele estão presentes, especificamente no mês que ela denomina para o estudo da família, Ana Caroline Campagonolo publica um vídeo do Deputado Nikolas Ferreira (PRTB) intitulado “Nikolas Ferreira Desmacarando o feminismo”. O título, por si só polêmico, chama a atenção não só por seu conteúdo extremamente controverso e falacioso, mas por ser narrado em um ambiente de debate político – a Câmara dos Deputados de Belo Horizonte – e por um homem eleito por uma considerável porcentagem de votos, e também, próximo ao Presidente Jair Messias Bolsonaro, como evidenciam seus perfis nas redes sociais, Instagram e Youtube. Na figura a seguir apresentamos uma postagem de Campagnolo no Instagram recomendando o vídeo de Nícolas Ferreira, no qual ele aparece, segundo ela, “desmascarando o feminismo”.



Figura 2: Post do Instagram de Ana Caroline Campagnolo.⁹

Como segundo parlamentar mais votado da história da capital mineira, escolhido por 29.388 eleitores para o primeiro mandato como vereador com apenas 24 anos de idade¹⁰, Nikolas também contou com o apoio de Eduardo Bolsonaro durante sua campanha. Nas matérias dedicadas à sua jovem carreira e também às suas polêmicas, ele é destacado

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/anacampagnolo/?hl=pt-br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

¹⁰ Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/vereadores/nikolas-ferreira>. Acesso em: 29 abr. 2021.

por seu empenho na militância de direita¹¹, pelo não uso de máscara de proteção¹² e é alvo de denúncias por transfobia na Câmara de BH.¹³

Aqui destaco alguns trechos de seu discurso realizado da Câmara dos Deputados de Belo Horizonte realizada no Dia Internacional da Mulher, 08 de março de 2021. O vídeo está publicado em seu próprio canal do Youtube com o título “Desmascarando o feminismo. VEJA ATÉ O FINAL”.

Hoje é o dia Internacional das mulheres. Parabéns mulheres XX. [...] O movimento feminista vem aqui falar sobre vida, importante levantar sobre isso. Ano passado morreram 1.5 milhões mais ou menos pessoas de COVID e eles chamaram isso de pandemia. Ano passado morreu 55 milhões de crianças abortadas e eles chamam isso de direito. O movimento feminista pega as virtudes de inatas da mulher como coragem como persistência e coloca isso um monopólio de um movimento. O movimento feminista ele milita pela morte de crianças do ventre, mulheres principalmente, o que é uma 50% de chance de ser homem ou de ser mulher, ou seja, movimento feminista mata mulheres ali em potencial e eles chamam isso de direito chamando de liberdade. [...] **Vocês na verdade são o maior movimento genocida da história.** 55 milhões de crianças

¹¹Disponível em:
<https://jovempan.com.br/noticias/politica/quem-e-o-vereador-que-representa-o-bolsonarismo-na-camara-de-belo-horizonte.html>. Acesso em: 29 abr. 2021.

¹²Disponível em:
<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/03/11/vereador-nikolas-ferreira-discursa-sem-mascara-de-protecao-no-plenario-da-camara-de-bh.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2021.

¹³Disponível em:
https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/15/interna_politica,1205365/2-vereador-mais-votado-de-bh-nikolas-ferreira-duda-salabert-homem.shtml. Acesso em: 29 abr. 2021.

mortas. Quantos gênios nós não perdemos? Quantas pessoas boas nós não perdemos porque simplesmente uma pessoa acha que ela vai ser pobre então mata por sofrimento vai e mata? Então faz o seguinte passa ali debaixo do viaduto e mata qualquer pessoa que está lá porque ela acha que ela está sofrendo mata uma pessoa acabando que ela vai nascer no ambiente pobre. Vergonha de vocês feministas. [...] Não ousem falar do cristianismo. Não ousem. Depois que você dividiu o mundo antes e depois de você, você abre a boca para falar daquilo que construiu toda a civilização ocidental, caso contrário o movimento feminista não passa de água de salsicha não serve para porcaria nenhuma. Obrigado.

Nele, destaca-se não só uma passagem extremamente preconceituosa com relação às pessoas transgêneras, como a falta de informações coerentes sobre o aborto, a falta de respeito e absoluta insensibilidade em relação a todas as mulheres que já passaram por essa situação e a sua comparação com os movimentos genocidas que ocorreram na história. Longe de se preocupar com as vidas perdidas nas clínicas de aborto clandestinas no país, Nícolas se preocupa com os gênios e as pessoas boas que poderiam ter nascido caso o aborto não tivesse ocorrido. E ainda, depois de tudo, fala sobre o cristianismo, a importância dele para a civilização ocidental, e o compara, de maneira contraditória e confusa, com o feminismo. Feminismo esse, que não é conceituado, apenas estereotipado.

Sara Winter, no que lhe concerne, apresenta uma versão um pouco diferenciada sobre feminismo. Ex-participante do grupo radical fascista Ucrâniano Femen, ela elabora suas considerações sobre o tema tendo como base sua própria trajetória de vida neste projeto. No Instagram de Winter,

onde publica seus cursos e compartilha seus discursos, pode-se encontrar a sua definição de feminismo, e para além, assim como Campagnolo, a sua oposição em relação à religião e à moral cristã.



Figura 3: Post do Instagram de Sara Winter.¹⁴

Não existe “feminismo brando”. Tampouco existe um “feminismo bonzinho que já ajudou as mulheres.” / O feminismo é tão somente um movimento cultural, acadêmico e social que tem como objetivo destruir os papéis masculino e feminino, subvertendo a natureza da sexualidade humana e implementando a revolução sexual: ideologia de gênero, aborto, pedofilia, destruição da família e redução populacional. / O feminismo é a filha preferida de Karl Marx! Não caia nessa mentira!

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHTqVpej4zH/>. Acesso em 21 out. 2020.

Em busca de caracterizar o feminismo como um movimento de vertente única, levando em conta uma miscelânea de achismos e estereótipos, ela apresenta tanto sua falta de referências sobre o tema, como a utilização do discurso do “nós contra eles, já citado anteriormente como presente na estrutura das antifeministas. Em uma publicação de 14/12/2020, Winter apresenta a seguinte análise sobre o feminismo, em resposta a um seguidor:

Durante toda sua história o movimento feminista foi composto por mulheres frustradas, invejosas e carentes. / Mary Wollstonecraft em 1790 publicou um livro chamado A reivindicação das mulheres. Ela escrevia sobre como a mulher deve ser independente, mas chegou a tentar suicídio 2 vezes por que se apaixonou por um homem que a rejeitou. / Muitos pensam que Frida Kahlo foi uma mulher forte, mas na verdade ela era constantemente traída por seu marido, Diego Rivera. Escreveu várias cartas à sua amigas descrevendo como Diego a maltratava. Frida sempre tolerou os maus tratos e traições de seu marido. / Betty Friedan escreveu o livro A Mística Feminina, com o objetivo de quebrar padrões machistas. No entanto ela tinha uma vida confortável de classe média e nunca havia sofrido verdadeiras opressões. / Estudando a vida das maiores feministas da história, podemos chegar a uma consciência rápida e simples: ser feministas é coisa de mulher frustrada.

Ao analisar a fala de Winter, devemos nos ater a algumas questões. Primeiramente, uma rejeição amorosa, assim como uma tentativa de suicídio e os maus tratos de um parceiro são questões particulares da autora, podendo influenciar ou não sua escrita. Neste caso, inclusive, não há nenhuma contradição, visto que ao contrário do ideal de feminista do

senso comum conservador, a maior parte das mulheres que aderem ao movimento, assim como qualquer outro ser humano, apaixona-se, decepciona-se e pode sofrer de diferentes maneiras, mas ainda assim, defender seus direitos, visto que o privado não necessita ter relação com o público. Ademais, uma citação a Betty Friedan, além de contraditória, soa curiosa: “No entanto ela tinha uma vida confortável de classe média e nunca havia sofrido verdadeiras opressões.” Dessa forma, haveria verdadeiras opressões? Se ela não tivesse uma vida confortável de classe média, em vista do texto, seria digna a publicação de sua obra?

Quanto à referência a Mary Wollstonecraft¹⁵, há alguns pontos a serem reiterados. É após a publicação de *An Historical and Moral View of the Origin and Progress of the French Revolution*, e seu retorno a Londres, que ela descobre a infidelidade de Gilbert Imlay, o que a leva à sua primeira tentativa de suicídio. A segunda tentativa, já depois de viajar para Escandinávia para reiterar assuntos comerciais com ele, não tem seus motivos descritos por ela ou próximos. (MIRANDA, 2015: 11-12). Ou seja, para além da injustiça e insensibilidade para com possíveis transtornos mentais, Winter demonstra ignorância para com a vida de Wollstonecraft.

¹⁵ Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi uma importante escritora e ativista dos direitos humanos, sobretudo, das mulheres. Vale ressaltar também suas ideias abolicionistas. Considerada a “pioneira do feminismo”, Mary empenhou-se na luta por uma educação igualitária entre meninos e meninas e defendeu maior autonomia das mulheres no casamento e sociedade, sendo uma influência e inspiração para os movimentos feministas que surgiram no século XIX.

Em outra publicação, anunciando seu curso chamado *O Lado Negro da Esquerda*, Winter relata ainda mais essa oposição entre feminismo e religião ao afirmar:



Figura 4: Post do Instagram de Sara Winter.¹⁶

É POSSÍVEL SER FEMINISTA E SER CATÓLICA? / NÃO! / O Cristianismo em si e a doutrina feminista são teologicamente e filosoficamente INCOMPATÍVEIS. / [...] / Não se pode mudar uma tradição de 3 mil anos para adequar-se a uma ideologia pós-moderna repleta de falhas acadêmicas e naturais. / Feminismo e catolicismo são PRÁTICAS OPOSTAS, o primeiro tenta destruir o segundo, que por sua vez reza e muitas vezes acolhe os [praticantes] do primeiro.

A autora ignora que, como já citado antes, o feminismo não se volta

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHkyMGhjP2u/>. Acesso em: 23 out. 2020.

exclusivamente para o Ocidente e que suas várias vertentes possuem características próprias. É nítida a maneira de fazer com que ele seja desvalorizado pela suposição de que busca a “destruição” da religião cristã, partindo do pressuposto de que se algumas mulheres feministas como a americana Annie Laurie Gaylor (1955-) não aderem ao cristianismo e observam o domínio masculino em algumas esferas religiosas, todas devem pensar dessa maneira. O que não é crível, visto que além de alguns feminismos não terem contato próximo com o cristianismo, não há como fazer com que um movimento como este se torne homogêneo ao ponto de possuir objetivos comuns. Há pluralidade e propostas distintas entre eles, considerando-se o tempo e espaço em que foram/são formulados.

Levando em consideração essas características apresentadas por Winter, seu antifeminismo baseia-se no mesmo ideal de Campagnolo. Ela cria a sua definição a partir de suas experiências pessoais e estabelece as “vítimas”: o cristianismo, a família e a feminilidade, e o seu “algoz”: o feminismo. Portanto, como já percebido com as figuras apresentadas, a utilização das redes sociais se mostra fundamental para a disseminação desse tipo de ideal, e por isso, será analisada sua importância no tópico a seguir.

Como percebemos através das reflexões acima, as redes sociais estão no cerne de sustento da nova direita no Brasil. A organização denominada *Meteoro Brasil* em seu livro *Tudo O Que Você Precizou Desaprender Para Ser Um Idiota* (2018), apresenta um aspecto fundamental para a compreensão deste fenômeno, ou seja, o fio condutor entre o que eles

consideram como uma recessão democrática no cenário global e o crescimento das redes nos últimos anos. Referindo-se a Jason Stanley em sua obra *Como funciona o fascismo*, os autores argumentam que “não é surpreendente que essa técnica [fascista] volte a ser bem-sucedida no exato momento histórico em que as redes sociais consolidam sua presença dentro do instrumental usado pelas campanhas eleitorais?” (BRASIL, Meteoro, 2019: 24).

As campanhas podem caracterizar-se como exemplos pertinentes da retórica da direita radical no Brasil, e partindo para uma análise mais profunda, se houvesse como delimitar características comuns entre elas, quais seriam? Essa mesma proposta fora analisada pelos autores anteriormente citados por meio do que Stanley classifica como os dez pilares do fascismo. Vale recordar que a comparação não deve ser analisada como uma hipótese pronta, mas é digna de discussões já que os próximos tópicos podem, ou não, confirmar as disposições demonstradas a seguir. Dentre estes, os cinco primeiros são:

O primeiro desses pilares consiste em despertar nas pessoas uma nostalgia, [...] há sempre uma busca por aquilo que Stanley chama de “passado mítico”. [...] O segundo pilar do fascismo é a propaganda, que se dedica em inverter as coisas: doutrinadores falam em luta contra doutrinação e corruptos falam em luta contra a corrupção. [...] A terceira característica é o anti-intelectualismo: as universidades são hostilizadas por disseminar muita doutrinação e pouca educação, servindo como propagadoras de todo tipo de imoralidade. [...] O quarto [...] se relaciona de maneira direta com a nossa pretensão de entender o esfacelamento da verdade e a presença massiva de

teorias conspiratórias no debate político. A destruição da realidade também é fundamental. [...] Numa quinta divisão da técnica fascista, encontramos a hierarquização da sociedade. É aqui o subtítulo da obra de Stanley – A política do “nós” e “eles” – encontra uma justificativa. (2019: 24)

No entanto, embora esses pilares não se caracterizem como o foco deste artigo, não se deve ignorar certas similaridades, nem deixar de citá-las quando necessário, visto que se tornam bem evidentes em certas ocasiões. Para além, outros aspectos devem ser ressaltados, como o próprio contexto que possibilitou a ascensão de posicionamentos como esse, embora o foco seja os autores, uma vez que o cenário e seu público foram os que facilitaram seu engajamento, levando em conta o próprio fato da proximidade entre estes e o círculo governamental.

O historiador Trevor Roper, em seu trabalho denominado *Religião, Reforma e Transformação Social* (1971), ao falar sobre a questão da perseguição às bruxas no período medieval, retoma uma análise interessante ao tema aqui apresentado. Inicialmente, para além de perseguições esporádicas realizadas pelas ordens missionárias que viviam entre o povo e faziam pressão para que as autoridades eclesiásticas se tornassem favoráveis àquele sistema, a colaboração da sociedade para com este foi sem dúvida um fator relevante. Para ele, era de fundamental importância os denominados tribunais do povo, que faziam com que os papas reagissem a essa pressão e procurassem um bode expiatório para tal. (ROPER, 1971). Ademais, citando outros casos de perseguições de localidades e períodos diferentes, ele comenta (1971: 90, grifo nosso),

Mais tarde, quando os ânimos se modificam ou a pressão social deixa de se fazer sentir, graças a essa efusão de sangue, o anônimo desaparece de cena, deixando a responsabilidade pública aos pregadores, aos teóricos e aos governantes que exigiram, justificaram e ordenaram o ato. Mas o historiador não pode deixar de lhe atribuir a sua parte de responsabilidade. Individualmente, essa parte pode ser infinitesimal mas, colectivamente, é a mais importante. **Sem os tribunais do povo, a perseguição social não pode ser organizada. Sem o povo, não pode sequer ser percebida.**

Considerações Finais

Ao longo desse recorte das considerações obtidas a partir de uma pesquisa em Iniciação Científica, realizada entre 2020 os anos e 2021, observou-se, para além de um objetivo claro de desinformação quanto a conteúdos históricos, conceitos e métodos, o investimento considerável na dispersão desse tipo de conhecimento por meio das redes sociais, como o *Youtube* ou o *Instagram*. Entretanto, também convém destacar o esforço de estudiosos (como os aqui citados), que trabalham na tentativa de compreender a atuação desses grupos de direita radical no país, e o quanto isso contribui para o combate ao negacionismo histórico e suas mais variadas formas.

Dito isso, é fundamental para os meios acadêmicos o interesse nestes grupos que visam cooptar a população mais leiga com discursos falaciosos e extravagantes, não só para obter um diálogo e apresentar uma resposta teórica de nível científico, mas também disputar junto a eles o dito

“monopólio” discursivo, que, neste momento, se encontra consideravelmente ocupado pelos indivíduos aqui citados.

Agradecimentos

Faço um agradecimento especial à minha orientadora de pesquisa, Professora Dra. Lourdes M. G. Conde Feitosa, do Centro Universitário do Sagrado Coração, em Bauru -SP. Sem sua orientação e aconselhamentos em geral, nada disso teria sido possível. Trabalhar com a história das mulheres junto a uma supervisão excelente como esta acrescentou muito em minha carreira.

Referências

ASSIS, Romulo Fernando. **As influências nos Pinóquios e a resistência dos Gepetos**: como discursos negacionistas vêm adentrando as aulas de História. Orientador: Maurício Parada. 2020. 124 p. Dissertação de Mestrado (Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História.) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BOM DIA MINAS. G1. Vereador Nícolas Ferreira discursa sem máscara de proteção no plenário da Câmara em BH. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/03/11/vereador-nikolas-ferreira-discursa-sem-mascara-de-protecao-no-plenario-da-camara-de-bh.g.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BRASIL, Meteoro. **Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota**. 1ª. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

CÂMARA MUNICIPAL BH. **Nikolas Ferreira**. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/vereadores/nikolas-ferreira>. Acesso em: 23 de ago. 2021. CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo: Perversão e Subversão**. 1ª. ed. [S. l.]: Vide Editorial, 2019.

CECÍLIA EMILIANA. UAI. (2020). 2º vereador mais votado de BH, Nikolas Ferreira chama Duda Salabert de homem: 'É isso que está na certidão'. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/15/interna_politica,1205365/2-vereador-mais-votado-de-bh-nikolas-ferreira-duda-salabert-home-m.shtml. Acesso em 23 ago. 2021.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 4, p. 37–47, 2008.

JOVEM PAN. (2021) **Quem é o vereador que ‘representa o bolsonarismo’ na Câmara de Belo Horizonte**. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/politica/quem-e-o-vereador-que-representa-o-bolsonarismo-na-camara-de-belo-horizonte.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Ontem e hoje, o porta estandarte: reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista e os discursos recentes da direita brasileira. **Roda da Fortuna**, v. 8, p. 161-180, 2020.

MACHADO, Rosana Pinheiro. **Amanhã vai ser maior**: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. Planeta, 2019.

MENESES, Sônia. Negacionismos e Histórias Públicas Reacionárias: Os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **OPSIS**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1–9, 2019. DOI: 10.5216/o.v19i2.55707. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/55707>. Acesso em: 24 ago. 2021.

OLIVEIRA, Thaiane. Desinformação científica em tempos de crise

epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 21-35, 2 mar. 2020.

SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des) compassos da cultura letrada brasileira. **Rev. Estud. Fem.** [online]. v. 14, n. 3, p. 765-799, 2006.

TREVOR-ROPER, Hugh. **Religião, Reforma e Transformação Social**. 2. ed., Lisboa: Editorial Presença, Lda, 1971.

Recebido em: 03/01/2022

Aceito em: 02/04/2022

